



Revista Eletrônica de Filosofia  
*Philosophy Electronic Journal*  
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 14, nº. 2, julho-dezembro, 2017, p.249-260  
DOI: 10.23925/1809-8428.2017v14i2p84-93

## OS ATOS DE FALA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA

### Anderson de Alencar Menezes

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas.  
anderufal@gmail.com

### Virgílio Andrade Neto

Professor de Direito na FACIMA – Faculdade da cidade de Maceió.  
andradevirgil@gmail.com

**Resumo:** O movimento do pensamento pós-metafísico surge na crítica à filosofia da consciência, tendo J. Habermas como um dos principais pesquisadores desse movimento e destaca o trabalho dos linguistas como crucial e de grande importância, já que representa uma mudança paradigmática que surgiu com a *guinada linguística*, daí surge uma mudança na forma hermenêutica e linguísticas do pensar filosófico. É na linguagem e não mais na consciência a base na produção do conhecimento filosófico, passando a considerar a ação do sujeito, a linguagem e o contexto social. A linguagem passa a ser o principal componente no processo de entendimento que está atrelado ao desenvolvimento da capacidade de interação do indivíduo, com o emprego de símbolos e de gestos com significado idêntico que lhe permite afirmar sua identidade. Habermas desenvolve uma teoria da socialização pautada nos processos de aquisição da competência comunicativa e que se consolida em uma Teoria do Agir Comunicativo, com a forte presença da força ilocucionária dos atos de fala e dos elementos de conexão do processo de comunicação que estão presentes na *ação e linguagem*, entre o *agir e o falar*, adotando para fins argumentativos do conceito de ação em sentido lato a definição de *agir* como atividade diária do indivíduo e *falar* como atos de fala do sujeito nas ações verbalizadas do sujeito (dar ordem, contestar etc.).

**Palavras-Chave:** Habermas. Atos de fala. Linguagem.

### ACTS OF SPEECH AND THEIR IMPLICATIONS IN THE COMMUNICATIVE ACTION THEORY

**Abstract:** The movement of post-metaphysical thought arises in the critique of the philosophy of consciousness, with J. Habermas as one of the main researchers of this movement and highlights the work of the linguists as crucial and of great importance, since it represents a paradigmatic change that arose with the yaw Linguistic, hence a shift in the hermeneutic and linguistic form of philosophical thinking. It is in language and not in consciousness the basis in the production of philosophical knowledge, starting to consider the action of the subject, language and social context. Language becomes the main component in the process of understanding that is linked to the development of the individual's capacity for interaction, using symbols and gestures with identical meaning allows him to affirm his identity. Habermas develops a theory of socialization based on the processes of acquisition of communicative competence and that consolidates in the Theory of Communicative Action, with the

*strong presence of the illocutionary force of the speech acts and the connection elements of the communication process that are present in the action and Language, between acting and speaking, adopting for argumentative purposes the concept of action in a broad sense the definition of acting as the daily activity of the individual and speaking as acts of speech of the subject in the verbalized actions of the subject Give order, answer, etc.).*

**Keywords:** Habermas. Acts of speech. Language.

\* \* \*

## 1. O pensamento pós-metafísico: a intersubjetividade da fala

Reagindo as novas formas de interpretação do pensamento metafísico, Habermas publica uma série de *estudos filosóficos* intitulados de **Pensamento Pós-Metafísico**<sup>1</sup>, nesses estudos o autor traça um conceito *cético de razão* e questiona *até que ponto a filosofia do século XX é moderna*. Assim, declina a motivação para continuação do pensamento filosófico, mesmo com o fim do período do pensamento metafísico.

Segundo Habermas (1990), o conceito *metafísico* está caracterizado pelo pensamento de um idealismo filosófico que inicia sua linhagem em Platão, passa por Plotino, Agostinho, Tomás, Cusano e Pico de Mirandola, chega a Descartes, Spinoza e Leibniz, até Kant que surgem Fichte, Schelling e Hegel. Após esse período, surgem os movimentos *antimetafísicos* que têm suas bases de sustentações no materialismo antigo, no ceticismo, no nominalismo da alta idade média e no empirismo, que não rompem totalmente com o pensamento metafísico.

É na crítica à filosofia da consciência, que Habermas prepara seu caminho para o pensamento pós-metafísico, já que a máxima cartesiana: *penso, logo existo* não dá mais conta para explicar a realidade dinâmica da época, que por mais de dois séculos a filosofia da consciência foi o palco dos debates científicos, que muda de rumo para o território do pensamento pós-metafísico.

No espectro de validez da prática cotidiana de entendimento aparece a racionalidade comunicativa que se abre num leque de dimensões. Esta oferece, ao mesmo tempo, uma medida para as comunicações sistematicamente deformadas e para desfigurações de formas de vida, caracterizadas pela exploração seletiva de um potencial de razão tornado acessível com a passagem para a modernidade (HABERMAS, 1990, p. 60).

Habermas (1990) destaca o trabalho dos linguistas como crucial e de grande importância, pois representa uma mudança paradigmática que surge com a guinada linguística, já que daí surge uma mudança na forma hermenêutica e linguísticas do pensar filosófico, pois é na linguagem e não mais na consciência a base na produção do conhecimento, tendo o pensamento filosófico, necessariamente, que considerar a ação do sujeito, a linguagem e o contexto social.

---

<sup>1</sup> Traduzida do original alemão: *Nachmetaphysisches Denken, Philosophische Aufsätze*. Editora tempo brasileiro, Rio de Janeiro.

A passagem do paradigma da filosofia da consciência para o paradigma da filosofia da linguagem constitui um corte de igual profundidade. A partir deste momento, os sinais linguísticos, que serviam apenas como instrumento e equipamento das representações, adquirem, como reino intermediário dos significados linguísticos, uma dignidade própria. As relações entre linguagem e mundo, entre proposição e estados de coisas, substituem as relações sujeito-objeto. O trabalho de constituição do mundo deixa de ser uma tarefa da subjetividade transcendental para se transformar em estruturas gramaticais. O trabalho reconstrutivo dos linguistas entra no lugar de uma introspecção de difícil controle. Pois, as regras, segundo as quais os signos são encadeados, as frases formadas e os enunciados produzidos, podem ser deduzidas de formações linguísticas que se apresentam como algo já existente. Deste modo, não somente a filosofia analítica e o estruturalismo constroem para si uma nova base metódica; a partir da teoria husserliana do significado constroem-se pontes em direção à semântica formal (HABERMAS, 1990, p.15, grifo nosso).

Nessa nova perspectiva, Habermas (1990) assevera que os sujeitos se deparam com uma realidade linguística diferenciada, eis que, agora enfrentam um mundo “aberto e estruturado linguisticamente e se nutrem de contextos de sentido gramaticalmente pré-moldados” (HABERMAS, 1990, p. 52), que se submetem ao domínio da linguagem na demarcação dos limites e possibilidades para as interações no mundo da vida e sua inclusão na busca do entendimento de uma comunidade linguística.

Agora, cabe a cada sujeito participante desta comunidade, seu papel ativo frente a nova realidade e as novas interações de sujeitos sociais linguisticamente na prática do agir comunicativo, e é por meio da fala que o sujeito expõe sua dimensão linguística. Segundo Habermas (2012) o elemento de maior relevância da força ilocucionária dos atos de fala, no panorama da Ação Comunicativa, são os seus aspectos pragmáticos, já que no ato de fala estão presentes além do conteúdo proposto, existe uma ação simultânea, ou seja, falamos algo, fazendo algo também. E nesse sentido, Habermas se socorre da teoria dos atos de fala de Austin e Searle, para caracterizar a dimensão performática das expressões linguísticas.

Quando o falante diz algo dentro de um contexto cotidiano, ele se refere não somente a algo no mundo objetivo (como a totalidade daquilo que é ou poderia ser o caso), mas ao mesmo tempo a algo no mundo social (como a totalidade de relações interpessoais reguladas de um modo legítimo) e a algo existente no mundo próprio, subjetivo, do falante (como a totalidade das vivências manifestáveis, às quais tem um acesso privilegiado) (HABERMAS, 1989, p. 41).

Diante dessa nova necessidade e dessa maior intersubjetividade, Habermas (1990) aponta os traços da racionalidade comunicativa como forma de oposição a constante influência da racionalidade instrumental que exerce o controle dos motivos e da moralizada da ação que se ocupa exclusivamente em encontrar os meios mais apropriados para alcançar um determinado fim, sem, contudo, preocupar-se em

avaliar o próprio fim em detrimento das normas e regras práticas-morais, éticas, jurídicas e outras.

O pensamento totalizador, voltado ao uno e ao todo, é posto em questão pelo novo tipo de racionalidade metódica que se impõe desde o século XVII, com o aparecimento do método experimental das ciências da natureza, e desde o século XVIII, com o formalismo na teoria moral, no direito e nas instituições do Estado de direito (HABERMAS, 1990, p.43).

No espectro de validez da prática cotidiana de entendimento aparece uma racionalidade comunicativa que se abre num leque de dimensões. Esta oferece, ao mesmo tempo, uma medida para as comunicações sistematicamente deformadas e para desfigurações das formas de vida, caracterizadas pela exploração seletiva de um potencial de razão tornado acessível com a passagem para a modernidade (HABERMAS, 1990, p.60).

Isso justifica o interesse pela teoria evolutiva de Jean Piaget e, em especial pelos estudos de Lawrence Kohlberg, que utilizando o modelo piagetiano do desenvolvimento da competência cognitiva, aplicou ao desenvolvimento da competência moral dos indivíduos.

Para Habermas (2014c) essa competência cognitiva está presente na ação comunicacional e se desenvolve como forma interações linguísticas entre os indivíduos e a interação é concebida como o agir comunicativo que se estabelece entre duas ou mais pessoas que, durante essa interação revelam algo sobre si e sobre o mundo, surgindo assim seus atos de fala e suas pretensões de validade. Logo, com base no reconhecimento recíproco que se forma a autoconsciência, que se fixa no reflexo de si mesmo e na consciência de um outro sujeito. Essa ideia do Eu como autoconsciência, Habermas trata a partir de Hegel.

A ideia original de Hegel consiste em não podermos compreender o eu como autoconsciência senão na qualidade de espírito, isto é, se passar da subjetividade à objetividade de um universal, no qual os sujeitos que se sabem como idênticos são associados com base na reciprocidade. (HABERMAS, 2014c, p. 42).

Desse modo, Habermas tenta demonstrar na filosofia de Hegel, a importância dada da reciprocidade nas interações linguísticas e nas tradições culturais que são gerados nas interações da ação comunicativa, existindo uma coordenação de ações para se chegar em interações subjetivas válidas, que influenciam na formação das pessoas. Os saberes revelam um traço fundamental nas interações comunicativas, conforme assevera Habermas.

Como tradição cultural a linguagem penetra na ação comunicativa; pois apenas as significações intersubjetivamente válidas e constantes criadas pela tradição permitem orientações baseadas na reciprocidade, isto é, expectativas de comportamentos

complementares. Dessa forma, a interação depende de comunicações linguísticas habituais. (HABERMAS, 2014c, p. 59-60).

Habermas também busca referências<sup>2</sup> em G. H. Mead para o desenvolvimento de uma abordagem da ação comunicativa que envolve da capacidade de interação linguística entre os indivíduos.

Em Mead, as duas linhas de crítica à filosofia da consciência, notadamente a análise da linguagem e a teoria do comportamento – as quais se bifurcam após Pierce – se unem, porque ele adota um conceito de linguagem não reducionista. É verdade que sua teoria da comunicação não se limita a atos de entendimento, uma vez abrange ainda o agir comunicativo: Mead se interessa tão-somente por símbolos linguísticos e logomórficos por que podem utilizados como veículo mediador para as interações, para os modos de comportamento e para as ações de vários indivíduos (HABERMAS, II, 2012, p. 10).

Habermas (2012b) reconhece a importância de Mead na formação do um conceito de racionalidade da comunicação, com foco no contexto semântico que revela o modo como Mead explica a passagem da interação subumana mediada por gestos, para a interação simbólica. E define que “no agir comunicativo, a linguagem assume, além de função de entendimento, o papel de coordenação das atividades orientadas por fins de diferentes sujeitos da ação” (HABERMAS, 2012b, p. 10).

Nas interações mediadas pela linguagem, os sujeitos buscam no mundo da vida sua integração social, essa interação capacita o sujeito a agir linguisticamente e inclusive a formar seu convencimento ou a criticar os atos de fala ou rejeitar a oferta linguística do outro. Sendo certo que esses procedimentos formam identidades pessoais e devem obedecer as normas, que influenciam nos processos de modernização da sociedade e podem ser analisados sob pontos de vista de uma racionalização, com características presentes na Teoria da Ação Comunicativa. Essa interação possibilita uma visão crítica de uma racionalização patológica que sufoca o mundo e afeta a capacidade de interação linguística, e dificultando ainda mais a possibilidade de entendimento e a integração social.

Sob o aspecto formal do entendimento, o agir comunicativo se presta à transmissão e à renovação de um saber cultural; sob o aspecto da coordenação da ação, ele possibilita a integração social e a geração de solidariedade; e, sob o aspecto da socialização, o agir comunicativo serve à formação de identidades pessoais. (HABERMAS, 2012b, p. 252)

---

<sup>2</sup> Autores que Habermas dialoga para o traçado de sua fundamentação para formação da Teoria do Ação Comunicativo, destacam-se: Adorno, Apel, Austin, Durkheim, Freud, Hegel, Horkheimer, Heidegger, Husserl, Kant, Marx, Mead, Nietzsche, Parsons, Piaget, Searle, Weber, Wittgenstein, entre outros. Como contraponto, temos: Bataille, Castoriadis, Derrida, Foucault, Luhmann, Lyotard, entre outros.

Desse modo, o processo de entendimento está atrelado ao desenvolvimento da capacidade de interação do indivíduo, que por meio da linguagem simbolicamente diferenciada, do emprego de símbolos e de gestos com significado idêntico lhe permite afirmar sua identidade. Cabe destacar, que Habermas defende uma teoria da socialização sob a mira dos processos de aquisição da competência comunicativa. Assim, convém frisar sua afirmação: “interpreto a personalidade como o conjunto de competências que tornam um sujeito capaz de fala e de ação – portanto, que o colocam em condições de participar de processos de entendimento, permitindo-lhe afirmar sua identidade” (HABERMAS, 2012b, p. 253).

Habermas (2012) reinterpreta a função dos atos de fala desenvolvidos por J. Austin, para demonstrar que *a sociedade humana é pautada por processos de produção de linguagem mediados pela fala*, na medida em que os reinterpreta e demonstra que os requisitos nos planos da correção e ajuste ao ordenamento vigente, são condições para se chegar ao plano da validade e interação do sujeito. Note-se aí o *interesse comunicativo* que é imanente da Ação Comunicativa, que busca o entendimento mútuo entre os sujeitos linguisticamente articulados.

Nessa perspectiva, o indivíduo participante é o próprio observador e interprete do processo de compreensão, que por meio da linguagem e se utilizando de conexões simbólicas e linguísticas tende a chegar no entendimento intersubjetivo, que decorre das faculdades de fala e ação dos indivíduos, proveniente de sua competência comunicativa.

Porém, é na consolidação da Teoria do Agir Comunicativo, que Habermas (2012) procura salientar a força ilocucionária dos atos de fala. Como também traça uma distinção entre agir social, atividade teleológica e comunicação. Desse modo, Habermas traça um caminho para os fundamentos da pragmática comunicacional, que permite “explicar, com base na relação ente o significado literal e o significado contextual das ações de fala, a razão pela qual é preciso adicionar a concepção de mundo de vida ao conceito de agir comunicativo” (HABERMAS, 2012, p. 486).

Desse modo, Habermas (2012) ensina que o *ato locucionário* surge como primeiro procedimento para a interação comunicativa que visa o entendimento (*ato ilocucionário*) e não possui finalidade manipuladora do interlocutor ou mesmo estratégica:

Portanto, incluo no agir comunicativo as interações mediadas pela linguagem nas quais todos os participantes buscam atingir fins ilocucionários, e tão somente fins como esses. Ao contrário, considero agir estratégico mediado pela linguagem as interações em que ao menos um dos participantes pretende ocasionar com suas ações de fala efeitos perlocucionários em quem está diante dele. (HABERMAS, 2012, p. 510).

Ao passo que se retomarmos o pensamento kantiano, o sujeito é identificado como solitário e monológico que segue sua lógica pessoal na busca do autoconhecimento transcendental e intuitivo de sua razão. Todavia, apesar de toda essa interação e *evolução* esse sujeito em determinados casos está bem presente na cultura da tecnologia atual, que vem produzindo no sujeito moderno uma busca

pela racionalização unilateral e individualista que distancia as pessoas, fruto do moderno mundo da vida e que desenvolve um padrão seletivo da modernização capitalista o que gera conflito, já que é próprio da espécie humana, a coabitação entre o meio orgânico e o meio social que lamentavelmente vem sendo esquecido.

Desse modo, Habermas (2012) indica o caminho de uma crítica procedimental da razão comunicativa e intersubjetiva como uma espécie de remédio para aplicar nas sociedades atuais e indica possíveis respostas adequadas às relações intersubjetivas em várias camadas, em especial no tocante à política e nas interações sociais, já que na formalização do conceito de racionalidade que foi adotado na teoria do agir comunicativo, levou em conta o grau de utilização e aquisição do saber, nos sujeitos envolvidos na comunidade linguística.

### 1.1. As raízes epistemológicas da ação comunicativa e suas implicações na teoria dos atos de fala

Na dinâmica do mundo da vida, as interações da linguagem mediadas pelos atos de fala, desempenham um papel importante no processo comunicacional, que foram reinterpretados por Habermas a partir da Teoria dos Atos de Fala desenvolvida por John Langshaw Austin (1911-1960) na formulação e apresentação de doze conferências feitas proferidas na Universidade de Harvard, EUA, em 1955, e publicadas postumamente em 1962, no livro *“How to do Thingswithwords”* que buscou uma análise pragmática da linguagem.

Esta teoria reserva um lugar adequado à intensão do falante, sem reduzir simplesmente o entendimento que se dá através da linguagem ao agir estratégico, como é o caso da semântica de Grice. Ao levar em conta o componente ilocucionário, ela considera também a relação interpessoal e o caráter accional inerente ao falar, sem excluir, porém, como é o caso da pragmática wittgensteiniana, as pretensões de validade, que apontam para o além da provincialidade dos jogos particulares de linguagem, que em princípio tem os mesmos direitos. Ao esboçar as condições de preenchimento, a teoria da ação de fala respeita igualmente a relação que existe entre linguagem e mundo, entre enunciado e estado de coisas. É verdade que, com essa determinação unidimensional da validade como preenchimento de condições de verdade proposicional, ela fica presa ao cognitivismo da semântica da verdade. **Eu constato precisamente nisso a deficiência a ser sanada no momento em que reconhecemos que todas as funções da linguagem, e não apenas as da representação, estão prenhes de pretensões de validade** (HABERMAS, 1990, p. 78-79, grifo nosso).

A relevância da teoria reside no fato de que até os estudos de Austin, os atos de fala eram considerados como ato meramente descritivo do relato do estado de coisas para a maioria dos linguistas. Austin considerou em sua análise, o ato performativo presente na fala e sua influência efetiva no mundo da vida e elaborou a proposta das três dimensões do ato de fala: locucionário, ilocucionário e perlocucionário. Sendo ato locucionário aquele que corresponde à expressão de uma ação ou estado de coisas por meio da linguagem; o ato ilocucionários ao que

se refere à realização de uma ação na linguagem; e o ato perlocucionário quando mesmo se realizando pela linguagem, a ação do ato não é efetivamente comunicada, mas sim uma ação que se quer realizar por meio de uma enunciação estratégica e resulta do que não é dito na estrita enunciação expressada.

Habermas detalha com exatidão os elementos de conexão do processo de comunicação que estão presentes na *ação e linguagem*, entre o *agir* e o *falar*, adotando para fins argumentativos do conceito de ação em sentido lato a definição de *agir* como atividade diária do indivíduo e *falar* como atos de fala do sujeito nas ações verbalizadas do sujeito (dar ordem, contestar etc.).

No deslinde dos nexos interativos dos procedimentos linguísticos, Habermas (1990) explica que é fundamental adotar a perspectiva do agente para se identificar o tipo de interação linguística presente no ato de fala. Assevera que quando se adota a perspectiva na primeira pessoa do agente, os proferimentos linguísticos do agente visa *chegar a um entendimento com um outro falante sobre algo no mundo*; já a perspectiva na terceira pessoa, os proferimentos são contrários a este, pois o agente “atinge um objetivo através de uma atividade orientada para um fim, ou como ele, através de um ato de fala, chega a um entendimento com alguém sobre algo”. E a perspectiva da segunda pessoa são as “ações de fala” que se desenvolvem nas relações de cooperação entre os indivíduos, ou seja, as “atividades orientadas para um fim” somente se obtém êxitos “quando introduzidas em contextos cooperativos”. (HABERMAS, 1990, p.65-66).

Para apreender a ação do ato performático de uma fala, o ouvinte tem que deixar de ser observador e se torna participante, porque “ao dizermos algo, fazemos algo” é uma relação de reciprocidade que é preciso fazer algo, entra naquele contexto do mundo da vida. Noutra banda, para se aferir o grau de validade dessa fala quando se busca entender o ato de fala, em especial, nas ações de fala explícitas, Habermas ensina só poderemos entender a validade de “um ato de fala quando sabemos o que o torna aceitável”, a *aceitação* de um ato de fala, que vai além do mero significado, será a motivação do sucesso ilocucionário. Por conseguinte, “o sucesso ilocucionário (que ultrapassa a simples compreensão do que é dito) depende do assentimento racionalmente motivado do ouvinte” (HABERMAS, 1990, p.67).

Note-se que nessa dinâmica do processo comunicacional, surge a necessidade do entendimento mútuo, e a linguagem passou a ser um elemento central, já que os sujeitos já nascem com a capacidade da linguagem para se relacionar com o mundo, com isso o agir que emerge dos processos de comunicação passou a promover as ações que foram promovendo o entendimento entre as pessoas, isso fez com que ocorresse uma mudança no foco da análise do sujeito no mundo da vida.

Segundo Martinazzo (2005), Habermas se torna um pensador participante do movimento denominado *reviravolta linguística*, cuja temática é superar o pensamento metafísico e logocentrista focado no primado clássico da teoria ante a prática, do sujeito diante do objeto.

A tentativa de superar o pensamento metafísico e logocentrista fez de Habermas um dos pensadores que integrou o movimento denominado de reviravolta linguística que evoluiu para a chamada *guinada pragmática universal*, desbancando, dessa forma, a postura logocentrista do primado clássico da teoria ante a prática, do sujeito diante do objeto (MARTINAZZO, 2005).



Essa *reviravolta linguística* influenciou a linguagem no mundo da vida e gerou uma mudança radical no pensamento filosófico moderno, que segundo Habermas essa mudança na avaliação dos sinais linguísticos introduziu uma nova forma de interpretá-los que passou a possuir *uma dignidade própria* na forma do agir comunicativo diante de falantes e ouvintes.

A passagem do paradigma da filosofia da consciência para o paradigma da filosofia da linguagem constituiu um corte de igual profundidade. A partir daquele momento, os sinais linguísticos, que serviam apenas como instrumento e equipamento das representações, adquiriram, como reino intermediário dos significados linguísticos, uma dignidade própria. Já que na filosofia da consciência o que se levou em conta foi a grandeza interior do sujeito, seu íntimo, suas experiências subjetivas. A atividade do pensamento se articulou com ser autoconsciente, numa relação monológica. Daí se extraiu que a teoria do conhecimento como filosofia era tida como a primeira, e que abordou o mundo de forma explicativa. E a linguagem passou a operar no plano das funções representativas.

A razão centrada no sujeito encontra sua medida nos critérios de verdade e êxito, que regulam as relações do sujeito que conhece e age segundo fins com o mundo de objetos ou estado de coisas possíveis. Em contrapartida, assim que concebemos o saber como algo mediado pela comunicação, a racionalidade encontra sua medida na capacidade de os participantes responsáveis da interação orientarem-se pelas pretensões de validade que estão assentadas no reconhecimento intersubjetivo (HABERMAS, 2000, p. 437).

Por outro lado, a filosofia da linguagem passou a privilegiar o exterior, a considerar o meio externo, o espaço público envolvido no processo das mediações linguísticas na busca de efetivar a finalidade da comunicação dialógica. A linguagem passou a ser o meio para a interação dos indivíduos, que desde sempre estivesse presente no processo de articulação entre os indivíduos. Agora ganha destaque porque é a peça chave na compreensão comunicativa. A comunicação passa a ser o motor da linguagem, onde indivíduos competentes linguisticamente atuam interativamente na busca do consenso. Pois, “a razão comunicativa encontra seus critérios nos procedimentos argumentativos de desempenho diretos ou indiretos das pretensões de verdade proposicional, justiça normativa, veracidade subjetiva e adequação estética”. (HABERMAS, 2000, p. 437).

A descrença no paradigma da representação gerou uma aproximação da ideia de linguagem quando articulada a função comunicativa. Nesse passo, a virada linguística trouxe a recuperação compreensiva da linguagem e abriu caminho para os estudos a partir da dimensão da fala, o que gerou uma avaliação mais ampla, deslocando para o espaço público o problema da verdade.

As relações entre linguagem e mundo, entre proposições e estados de coisas, substituem as relações sujeito-objeto. O trabalho de constituição do mundo deixa de ser uma tarefa da subjetividade transcendental para se transformar em estruturas gramaticais. O trabalho reconstrutivo dos linguistas entra no lugar de uma introspecção de difícil controle. Pois, as regras, segundo as quais os signos são

encadeados, as frases formadas e os enunciados produzidos, podem ser deduzidas de formações linguísticas que se apresentam como algo já existente (HABERMAS, 1990, p.15).

Nesse contexto, Habermas (1990) define que surge um movimento circular na forma do agir comunicativo e o mundo da vida como produto desse agir, essa influência passou a ser conhecido como *Guinada Linguística* que provocou uma mudança estrutural de paradigmas, ao colocar o filosofar numa base metódica mais segura, libertando-o das aporias das teorias da filosofia da consciência e preparando “os meios conceituais através dos quais é possível analisar a razão incorporada no agir comunicativo” (HABERMAS, 1990, p.53).

A passagem da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem traz vantagens objetivas, além de metódicas. Ela nos tira do círculo aporético onde o pensamento metafísico se choca com o antimetafísico, isto é, onde o idealismo é contraposto ao materialismo, oferecendo ainda a possibilidade de podermos atacar um problema que é insolúvel em termos metafísicos: o da individualidade (HABERMAS, 1990, p. 56).

Conclui-se que a mudança do paradigma filosófico passou a ter como base a ideia que é na linguagem, o ponto de partida para filosofar sobre algo, já que no processo de comunicação humana a linguagem é sua questão de existência. Frise-se, não apenas nas ações da fala, mas também, nas ações que promovem o entendimento entre as pessoas.

Uma das contribuições de Habermas é mostrar que no processo comunicacional na busca do entendimento a Ética do Discurso cria uma nova possibilidade de integração social contemporânea, já que numa situação comunicacional estarão presentes as bases para um debate autêntico, pautada na linguagem focada como meio para se chegar ao consenso, ao entendimento, a integração social e as pretensões universais de validade.

Habermas considera essa interação comunicativa das pessoas como fonte geradora do consenso, que irá conduzir o encaminhamento dos fatos e também das normas de regência nas posturas sociais. A importância da linguagem é tamanha que Habermas confere um enorme estudo sobre a Teoria dos atos de Fala de Austin e Searle na elaboração de uma pragmática universal.

Assim, o novo paradigma, agora albergado na intersubjetividade e com foco no entendimento, faz com que os sujeitos envolvidos na interação, agora *capazes de fala e de ação*, entendam-se mutuamente em suas interações, já que a metafísica não responde mais as formulações que irão surgindo, e agora, este novo paradigma inicia um caminho pós-metafísico, que serão mediados pelas interações da linguagem.

## **1.2. Os atos de fala e suas interações com a linguagem e o mundo da vida**

É na guinada pragmática na Teoria do Significado, que Habermas define o conceito de agir comunicativo. Na teoria habermasiana não se identifica uma racionalidade instrumental da ação controlada por instrumentos ou subsistemas,

como ocorreu com alguns pensadores da Escola de Frankfurt, ele aprecia as interações do mundo da vida carregadas de comunicações intersubjetivas, numa razão que passa a desenvolver novas formas de integração social e orientar as ações humanas, aproximando-se da filosofia hermenêutica de Wittgenstein e da filosofia da linguística, com a teoria dos atos da fala. Nessa trilha, vê-se na razão comunicativa o norte a ser seguido rumo a compreensão do sujeito numa comunidade pós-metafísica.

Habermas (2012) com a teoria do agir comunicativo propõe uma reformulação no modo de pensar o lugar da razão, que deixa de ser meio de realização de ações eminentemente teleológicas e instrumento de dominação, que passa a ser o mote de uma nova construção de relações sociais voltadas ao entendimento e que possam ser capazes de produzir novos resultados. Não se pode olvidar que a teoria dos atos da fala foi fundamental para Habermas, tendo em vista que fundamenta uma das bases de sua proposta com relação ao papel da razão na vida humana moderna.

É por meio da Teoria da Ação Comunicativa (TAC) que Habermas atinge o ponto central do paradigma da comunicação e da intersubjetividade, que se contrapõe a ação estratégica. O caminho para se chegar na TAC inicia nas obras que envolve a Teoria do Agir Comunicativo, Consciência Moral e Agir Comunicativo, no Discurso Filosófico da Modernidade e Pensamento Pós-Metafísico.

A TAC foi concluída e publicada em 1981, por meio de dois extensos volumes, sendo cada com mais de 500 páginas: No primeiro volume, Teoria da Ação Comunicativa I. Racionalidade da Ação e Racionalização Social (*Theorie des Kommunikativen Handels. Handlungsrationaliät und Gesellschaftliche Rationalisierung*); e o segundo como Teoria da Ação Comunicativa II. Crítica da Razão Funcionalista (*Theorie des Kommunikativen Handels II. Zur Kritik der Funktionalistischen Vernunft*).

A TAC é considerada uma teoria da sociedade em que analisa o sistema do dinheiro e do poder considerado como forma de ação estratégica, que domina e disciplina o mundo das interações sociais, por Habermas chamado de mundo da vida, é nesse ambiente que a espécie humana transita entre o meio natural e orgânico e o meio social e da cultura, ambiente próprio para o desenvolvimento da Ação Comunicativa que busca na intersubjetividade o fio condutor capaz de conduzir ao entendimento e ao respeito mútuo.

### **Considerações finais**

Com a chegada de uma nova realidade linguística, os sujeitos se deparam com a necessidade de enfrentamento de um panorama mais exigente *linguisticamente* e se submetem ao predomínio da linguagem para as interações no mundo da vida e cada participante precisa desempenhar uma conduta mais ativa nas interações sociais por conta das influências dos atos de fala e o agir comunicativo passa a ser uma ação voltada para o entendimento mútuo, que se transforma num acordo entre os participantes em superação ao agir estratégico.

Daí a grande importância que a teoria dos atos de fala exerce nos estudos das interações comunicativas realizados por Habermas, tanto é que confere um enorme estudo sobre a Teoria dos atos de Fala de Austin e Searle na elaboração de uma pragmática universal. E o novo paradigma que inicia o pensamento pós-

metafísico, que agora albergado na intersubjetividade e com foco no entendimento, exige sujeitos *capazes de fala e de ação*, para se chegar no entendimento mutuo em suas interações.

A teoria do agir comunicativo desenvolvida por Habermas, propõe uma reformulação no modo de pensar o lugar da razão, que deixa de ser meio de realização de ações eminentemente teleológicas e instrumento de dominação, que passa a ser uma nova possibilidade de construção de relações sociais voltadas ao entendimento e que possam produzir sujeitos capazes e autônomos, já que o tão esperado esclarecimento que levaria o sujeito à *autonomia* e à *autodeterminação*, sucumbiu e gerou certo desencantamento, surgindo na verdade com as novas descobertas um controle sobre o indivíduo lhe impingindo certa repressão controlada pela racionalidade instrumental.

\* \* \*

## Referências

HABERMAS, J. **Conhecimento e Interesse / Jürgen Habermas**; tradução Luiz Repa. – I. ed., São Paulo: Editora Unesp, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pensamento Pós-Metafísico**: Estudos Filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Agir Comunicativo, 1**: racionalidade da ação e racionalidade social. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Agir Comunicativo, 2**: racionalidade da ação e racionalidade social. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b.

MARTINAZZO, Celso José. **Pedagogia do entendimento intersubjetivo**: razões e perspectivas para uma racionalidade comunicativa na pedagogia / Celso José Martinazzo. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, 232 p.